



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)
Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
ISBN 978-989-95500-1-8

Na análise dos textos das crianças, o reconhecimento da alteridade da infância

ANA PAULA MARQUES, RUI PEDRO SILVA

Universidade do Minho ~ amarques@ics.uminho.pt



Resumo:

Os emergentes estudos sociológicos da infância rompem com a conceptualização das crianças como homúnculos, seres incompletos e incompetentes, logo dependentes da acção e protecção dos adultos, e contrapõem com uma perspectiva das crianças como sujeitos das suas próprias vidas, parceiros interventivos nas vidas daqueles com quem interagem e co-construtores dos mundos sociais em que se movimentam. Desta forma, estes estudos conferem visibilidade sociológica à infância enquanto grupo social e às crianças enquanto sujeitos. Esta assunção da Infância enquanto categoria social do tipo geracional pressupõe o reconhecimento da sua alteridade. Na investigação que realizámos, e em que tínhamos como objectivo captar as representações sociais sobre o mundo do trabalho e das profissões, optámos por um método de investigação compósito e flexível, que nos permitiu adequar e rentabilizar os instrumentos de recolha e tratamento da informação aos objectos (e sujeitos) da investigação – crianças entre os cinco e os onze anos de idade de freguesias rurais do concelho de Ponte de Lima. Articulado o qualitativo, da análise dos desenhos e das entrevistas, e o quantitativo, das respostas ao questionário, privilegiou-se uma metodologia próxima da “investigação participativa” que se apresenta mais adequada às diversas situações de trabalho de campo. Nesta comunicação, iremos referir, sobretudo, o processo de recolha da informação ao nível da captação dos interesses e rotinas das crianças que se consubstanciou na elaboração de uma composição (e um desenho), com um mote muito utilizado nas escolas do 1.º ciclo do ensino básico “Quando eu for grande quero ser...”. Na análise do conteúdo dos textos redigidos pelas crianças participantes, foi-nos possível fazer um mapeamento de um conjunto de indicadores sobre as suas representações do mundo do trabalho e das profissões, bem como sobre a influência que os distintos contextos em que elas interagem têm na construção daquelas afirmações e explicações. Com efeito, a concepção de instrumentos, a criatividade no seu manuseio e o conhecimento dos limites da validade do conhecimento pelo confronto empírico permitem ir além da “descoberta” das representações sobre o mundo do trabalho e das profissões (re)produzidas pelas crianças para a compreensão dos seus mundos e condições sociais.

Palavras-chave:

Infância, crianças, alteridade, representações, análise de conteúdo.

Introdução

Os *emergentes* estudos sociológicos da infância rompem com a conceptualização das crianças como *homúnculos*, seres incompletos e incompetentes, logo dependentes da acção e protecção dos adultos, e contrapõem com uma perspectiva das crianças como sujeitos das suas próprias vidas, parceiros interventivos nas vidas daqueles com quem interagem e co-construtores dos mundos

sociais em que se movimentam. Desta forma, estes estudos conferem visibilidade sociológica à infância enquanto grupo social e às crianças enquanto sujeitos. Esta assunção da Infância enquanto categoria social do tipo geracional pressupõe o reconhecimento da sua alteridade.

Na investigação que realizámos¹, e em que tínhamos como objectivo captar as representações sociais sobre o mundo do trabalho e das profissões, optámos por um método de investigação compósito e flexível, que nos permitiu adequar e rentabilizar os instrumentos de recolha e tratamento da informação aos objectos (e sujeitos) da investigação – crianças entre os cinco e os onze anos de idade de freguesias rurais do concelho de Ponte de Lima. Articulado o *qualitativo*, da análise dos desenhos e das entrevistas, e o *quantitativo*, das respostas ao questionário, privilegiou-se uma metodologia próxima da “investigação participativa” que se apresenta mais adequada às diversas situações de trabalho de campo.

Iniciámos o trabalho empírico, propondo às crianças, que colaboraram na realização da investigação, que elaborassem um desenho e um texto com um mote muito utilizado nas escolas do 1.º ciclo do ensino básico, “Quando eu for grande quero ser...”. Considerando que para as crianças, tal como alerta Roberts (2005), é difícil assumirem a não participação, optámos por uma tarefa escolar que os alunos realizam habitualmente para atenuarmos os putativos efeitos daí decorrentes, apresentando-lhes uma actividade agradável e divertida que iria de encontro aos seus interesses, motivações e rotinas escolares, e ainda evitar que a realização da investigação perturbasse a normal rotina da sala de aula, respeitando as regras de funcionamento e de relacionamento interpessoal professor-aluno e aluno-aluno. Outra preocupação que tínhamos ao aceder às escolas era a de apresentar as tarefas a desenvolver com o máximo de *naturalidade* com o objectivo de acautelar uma mediação demasiado efectiva dos professores na sua realização, que poderia, pela desigualdade estatutária entre adultos-professores e crianças-alunos, provocar enviesamentos na produção dos materiais. Seguindo a argumentação de Prout (2005) poderemos afirmar que a investigação com crianças não exige a utilização de métodos e/ou técnicas específicas, não descurando contudo que os investigadores sejam inovadores nas suas metodologias, mas que, sobretudo, estejam sensíveis aos quotidianos infantis.

Com efeito, a concepção de instrumentos, a criatividade no seu manuseio e o conhecimento dos limites da validade do conhecimento pelo confronto empírico permitem ir além da “descoberta” das representações sobre o mundo do trabalho e das profissões (re)produzidas pelas crianças para a compreensão dos seus mundos e condições sociais.

1. Infância, socialização e reprodução interpretativa

O processo de socialização, entendido como interiorização das normas sociais, tem sido, desde sempre, objecto de estudo dos sociólogos. Entre os clássicos, poderemos referir o contributo de Durkheim que, numa perspectiva funcionalista e holística da sociedade, justificava a coerção exercida sobre a criança para a sua integração na família e na escola pela relação directa entre a assimilação harmoniosa das partes pelo todo social e a formação da consciência colectiva. Esta concepção mereceu, mais tarde, a crítica dos interaccionistas que colocaram o enfoque nas influências mútuas estabelecidas entre a sociedade e o indivíduo. Com efeito, as teorias de socialização desenvolvidas têm oscilado entre visões mais deterministas das práticas sociais e visões construtivistas do social a partir das interacções individuais. No fundo, trata-se de alguns dos dilemas clássicos da sociologia traduzidos em oposições tipo estruturalismo *versus* accionalismo ou funcionalismo *versus* construtivismo, entre outras. Porém, existem alguns esforços de síntese e de

¹ Investigação realizada no âmbito das provas de Mestrado em Sociologia – Área de Especialização Sociologia da Infância, Universidade do Minho, 2006).

reflexão simultânea daqueles dois pólos. Veja-se a este propósito o contributo de Elias e o seu conceito de “sociologia da configuração” (1980), ou de Giddens e a teoria da “estruturação” (1984), ou, ainda, a explicitação do conceito de “habitus” por Bourdieu (1972).

Contudo, a conceptualização do crescimento humano numa perspectiva sequencial, característica da Psicologia do Desenvolvimento, subjaz, não só, ao pensamento durkheimiano, mas também a correntes pedagógicas tributárias das teorias, por exemplo, de Locke e de Rousseau, que fundamentavam, o primeiro, a *escrita* de pais e mestres-escola na *tabula rasa* e, o segundo, a protecção da pureza e bondade das crianças pela *afasia* do *in-fans*.

A obra de Ariés, “A criança e a vida familiar no Antigo Regime” (1973), rompeu com a percepção da infância como um fenómeno natural e concorreu decisivamente para a afirmação desta como uma construção social, ao nomear as várias imagens da criança que se foram sucedendo historicamente - do *homúnculo* da Idade Média à ideia moderna de infância como fase autónoma relativamente à adultez (Sirota, 2001) -, e conseqüentemente, contribuiu para uma nova abordagem do processo de socialização, ao induzir o reconhecimento das crianças como *seres actuais* em oposição aos *seres futuros* da perspectiva desenvolvimentista.

Esta nova abordagem da socialização enfatiza o papel da criança como actor social na relação e negociação que estabelece com os outros nos diversos contextos em que interagem, e evidencia a *dualidade da infância* (James & Prout, 1990) ao citar o papel das crianças enquanto agentes subjectivos, simultaneamente, controlados e controladores na co-construção das estruturas em que se inserem. Considerando a capacidade das crianças para interpretar e reproduzirem colectivamente os saberes e os valores que apreendem nas suas relações com os adultos, estas contribuem, igualmente, para a configuração dos mundos sociais em que se inserem. Esta é a base da argumentação da tese de *reprodução interpretativa* conceptualizada por Corsaro (1997).

2. “Através das crianças e com as crianças”: as opções metodológicas

O reconhecimento das crianças como actores sociais e da alteridade da infância, pela sua assunção como categoria social do tipo geracional, teve/tem reflexos epistemológicos e metodológicos nos *emergentes* estudos sociológicos da infância. Regista-se uma exigência intrínseca de que as crianças, as suas relações sociais, com um enfoque particular às relações interpares, e as suas culturas sejam estudadas em si próprias, e não a partir do ponto de vista dos adultos, em suma, importa interpretar e explicar os factos sociais que afectam a criança enquanto indivíduo e enquanto colectividade (O’Kane, 2005) através das crianças e com as crianças (Sarmiento, s/d).

Este pressuposto epistemo-metodológico esteve subjacente à realização da investigação que efectuámos com cento e quarenta e oito crianças do concelho de Ponte de Lima, no distrito de Viana do Castelo, com idades compreendidas entre os cinco e os onze anos, em que tentámos captar as suas representações sociais sobre o mundo do trabalho e as profissões. Considerando a alteridade dos sujeitos com que trabalhámos gizámos um método de investigação compósito e flexível, que nos permitiu adequar os instrumentos de recolha e tratamento da informação às crianças, e articular a dimensão qualitativa da análise de conteúdo dos desenhos, dos textos e das entrevistas, e o quantitativo dos dados dos questionários.

A questão da desigualdade estatutária entre adultos e crianças merece, na nossa opinião, algumas notas, desde logo, porque o dar voz às crianças levanta questões teóricas, práticas e éticas que deverão ser devidamente ponderadas pelos investigadores. No que respeita às questões teóricas poderemos referir a necessidade de articular a constituição e alteridade da criança enquanto tal, com categorias sociológicas fundamentais como a idade, o género e as origens sócio-económica e étnica pelas implicações que umas e outras têm na sua acção social, ou no encontro, ou desencontro, entre a metalinguagem do investigador e a linguagem do dia-a-dia dos sujeitos. A componente ética da

investigação com crianças tem merecido particular atenção de vários investigadores que têm concordado na necessidade de que todo o processo seja desenvolvido com uma participação efectiva das crianças em todas as suas fases, concretizando aquilo que alguns denominam como “metodologias participativas”, numa permanente e contínua monitorização cooperativa entre investigador e objectos/sujeitos da investigação.

Centrando-nos agora sobre os textos, deveremos afirmar que, tal como afirma Saramago (2001), aqueles têm como uma das suas principais vantagens o facto de permitirem ao investigador recolher uma grande quantidade de informação a partir de reduzida informação transmitida, ressaltando nós que, obviamente, a quantidade e qualidade das informações compiladas dependem do desenvolvimento cognitivo e das competências ao nível da interpretação, expressão e redacção de cada uma das crianças.

3. Principais dimensões analíticas dos modelos profissionais

Do conjunto de produções escritas das crianças tomamos como exemplo o texto que a seguir transcrevemos, da autoria da Ivânia, que tinha sete anos, frequentava o segundo ano de escolaridade e gostava de ser enfermeira profissional.

Eu quando for grande quero ser enfermeira profissional. Eu gostava de ir para uma cidade trabalhar. Eu acho que as enfermeiras ajudam a curar os doentes, e eu também gostava de ajudar. Eu gostava que os meus primos fossem muitas vezes ao meu consultório. Eu quando era mais pequenina tinha o que os médicos usam para escutar o coração quando se vai ao seu consultório. O meu sonho é ser enfermeira e que o meu irmão fosse cozinheiro de um restaurante. Também sonhava que a minha mãe fosse médica e o meu pai fosse treinador de futebol. Eu e a minha família somos maravilhosos, só que gostava de ter melhor vida. Eu queria ficar muito rica se fosse enfermeira, mas enquanto sou só uma normal rapariga, não me importa. Eu sou muito feliz, só que gostava de ser mais feliz. Eu gosto muito de toda a minha família, adoro os meus pais, avós, a minha bisavó, meus padrinhos e os meus tios. A minha família sempre me apoiará para eu ser enfermeira e eu adorarei sê-lo (Ivânia, 7 anos).

Deste texto relevamos sobretudo a semântica, pela forma poética como a Ivânia se expressa, indiciando uma relação conflitual entre um presente que já lhe permite afirmar a sua felicidade – “... na família todos são maravilhosos” -, e um futuro que, não obstante, deseja mais risonho – “Eu sou muito feliz, só que gostava de ser mais feliz”. Se nos detivermos sobre a sintaxe – relação entre os signos – e tomarmos como referência a família, enquanto espaço de transmissão, apropriação e co-construção de modelos, e o futuro, enquanto tempo simultaneamente distante, para um futuro profissional que deseja concretizar para o qual contará com o apoio incondicional de toda a família, mas discursivamente presente quando saltita entre um estetoscópio que tinha quando era pequenina e um enunciado de desejos extensivo a toda a família, parece haver uma linearidade contraditória com processos crescentes de diferenciação e fragmentação social, mas que, no caso da Ivânia, evidencia uma postura pragmática perante a vida - Eu queria ficar muito rica se fosse enfermeira, mas enquanto sou só uma normal rapariga, não me importa.

A análise do conteúdo dos textos, para além de nos ter permitido recolher um conjunto de indicadores bastante interessante sobre o conteúdo das representações em torno do mundo do trabalho e das profissões e a influência dos distintos contextos na sua construção, ainda nos forneceu um número considerável de dados que foram utilizados na/para a elaboração de instrumentos que utilizámos posteriormente, como os questionários e as entrevistas.

Assim, passamos a exemplificar, com extractos dos textos produzidos pelas crianças que ilustram algumas das dimensões dos modelos profissionais que emergiram da análise:

- A identificação: “gosto de fazer obras com o meu pai”, “quero ser professora, porque a minha madrinha também é”, “Eu quando for grande quero ser médica como as minhas tias. Elas estão a estudar em Espanha, no Porto, etc. A minha tia Nela está a aprender a ser médica. A minha tia Isabel já é doutora”, “Às vezes eu vou à cabeleireira com a minha mãe, e a Bia e a Rosa, que são as cabeleireiras, deixam-me varrer os cabelos que estão no chão”, “Eu quando for grande quero ser futebolista, porque o meu tio também o é. Ele ensinou-me alguns toques de bola e eu acho o futebol muito giro”;
- A aptidão para o desempenho de uma actividade profissional: “gosto de mexer na massa”, “cuido dos gatinhos e dos cães”, “gosto de tratar das pessoas e dos doentes”, “porque gosto de bebés”, “gosto de lavar e fazer penteados”;
- O local/posto de trabalho: “quero ser professor dos alunos do 3.º ano, porque quero ter poucos alunos”, “queria que a minha floresta fosse alegre com os pássaros a cantar e as gazelas com os seus filhos a brincar”, “gostava de fazer o trajecto de Ponte de Lima a Viana do Castelo, porque gosto da cidade de Viana do Castelo”, “Gostava de trabalhar perto de casa, porque não gostava de chegar atrasada à escola, porque não gostava de deixar os alunos à porta da escola. Era bom que trabalhasse na escola da Queijada, assim ela não fechava”, “Gostaria de trabalhar perto de casa, porque nas horas vagas iria um bocadinho até casa para ver se estava tudo bem”;
- O materialismo: “Eu gostaria de realizar o meu sonho, que é ser jogador de futebol da Selecção Portuguesa, porque ganho muito dinheiro e posso ficar rico”, “Mas também gostava de trabalhar num hospital e ter um gabinete só para mim, assim ganhava muito dinheiro”, “Quando eu for grande quero ser trolha, porque ganho muito dinheiro. Ganho muito dinheiro a fazer casas para as pessoas. E vou dar algum dinheiro à minha mãe”, “Quando eu for grande quero ser polícia, porque quero ganhar mais dinheiro para comprar roupas novas”;
- As credenciais académicas: “Para as pessoas terem a sua profissão, primeiro têm que passar pela escola, estudar e aprender muito para mais tarde escolherem a sua profissão”, “Apesar de querer ser jogador é importante ter uma boa formação e por isso preciso de andar na escola e tirar um curso”, “Para chegar lá tenho que estudar muito e dar a tropa”.

4. A reflexividade discursiva na apreensão dos mundos e práticas sociais

Deste *emaranhado* retirámos um manancial de informações que nos permitiu perceber, desde logo, que para as crianças “escolher uma profissão não é nada fácil”, porque, entre outras razões, há uma escala de prestígio das profissões implícita nos seus discursos que, pelo facto de não estar completamente consolidada, provoca algumas indecisões – “se não pudesse ser cabeleireira queria ser médica” ou “se não puder ter esta profissão de ama queria ser agricultora” -, e ainda uma aparente contradição entre a dimensão instrumental do trabalho – “todas as pessoas quando crescem arranjam uma profissão para ganharem dinheiro e assim terem uma vida mais digna e melhor” -, e o exercício de uma profissão para benefício do colectivo, ou dito de outra forma para mitigação de constrangimentos estruturais – “Eu quando for grande quero ser maquinista para fazer obras, para guiar máquinas, para fazer obras para os mais pobres” ou “Sei que ser bombeira de fogos não se ganha dinheiro, mas ajudam-se as pessoas que correm risco de vida e também é muito importante”.

Já no que respeita à preparação dos questionários e das entrevistas, retirámos dos textos alguns dados que nos permitiram complementar os guiões esboçados com base na matriz teórica que construímos previamente. No questionário introduzimos, por exemplo, na questão n.º 2 “Conheces alguém que tenha essa profissão?” a opção de resposta “sim, alguém que eu vi na TV”, e na questão n.º 3 “Do que mais gostas nessa profissão?”, a opção de resposta “aparecer na TV”, atendendo ao considerável número de referências nos textos a modelos profissionais a que as crianças têm acesso através dos *media*, nomeadamente da televisão. No guião das entrevistas, que realizámos a um

grupo mais restrito de vinte e duas crianças, inserimos, por exemplo, no bloco temático “Profissões”, uma questão sobre a temática de género - Achas que a profissão que escolheste é só para homens / mulheres? -, considerando as alusões que, principalmente, os rapazes efectuavam, nos textos, a modelos sócio-culturais definidos em função do sexo, e no bloco temático “Meio” incluímos a pergunta “Achas que a vila é mais parecida com a tua aldeia ou com uma cidade? Porquê?”, através da qual pretendíamos levar as crianças a explicitarem as características de um meio rural híbrido, porque cada vez mais influenciado por padrões culturais urbano-centrados, mas que mantém algumas idiossincrasias que se reflectem nos quotidianos daqueles que o habitam.

A triangulação dos instrumentos de recolha e tratamento de informação permitiu-nos, para além de, captar as noções e valores das crianças sobre o mundo do trabalho e as profissões, também compreender os seus mundos e práticas sociais.

Assim, relevamos a influência da família enquanto espaço de socialização em que são transmitidos, mas também induzidos modelos profissionais, alguns deles, entre os quais devemos destacar o exemplo paradigmático dos *futebolistas*, parecem ser colectivamente planeados por todo o agregado familiar: o rapaz que quer ser como o Cristiano Ronaldo, ser uma pessoa importante, comprar uma vivenda com piscina e um Ferrari, e os pais que às Terças e Quintas-feiras levam o filho aos treinos das escolinhas de futebol do clube desportivo da sede do concelho, como o comprovam os registos constantes das fichas de orçamento-tempo que durante uma semana todas as crianças preencheram.

O processo de hibridação do meio rural parece estar subentendido no discurso destas crianças enquanto argumento justificativo para a atracção e centralidade da sede do concelho, pela sua configuração composta, “porque tem mais povoação e mais tranquilidade” – a vila de Ponte de Lima – , como local onde lhes são oferecidos um conjunto de bens e serviços a que não podem aceder nas suas aldeias, mas em que ainda podem fruir de qualidade ambiental e paisagística, e, concomitantemente, da relutância manifestada em migrarem e/ou emigrarem para outras paragens em busca, sobretudo, de melhores salários, mas também de melhores condições de trabalho, pela força dos laços que os unem à família, aos vizinhos, aos amigos, à terra. O reordenamento da rede escolar, enquanto elemento de um processo mais amplo de encerramento de serviços públicos nas zonas rurais, merece particular atenção nos textos, não só das meninas que desejam ser professoras na escola da sua aldeia, o que lhes permitiria realizar a lida da casa no intervalo de almoço, e numa turma com poucos meninos, que lhes possibilitaria atender aos objectivos curriculares e “dar uns passeios pela aldeia para verem as árvores, as fontes e os pássaros”.

Os símbolos integram o vasto conjunto de objectos simbólicos produzidos por uma sociedade, transportam significados e permitem interpretações, enquanto elemento identitário da cultura de um povo atestam as relações que estabelecem entre si, com os seus criadores e os espaços onde se inserem. Logo, a compreensão dos símbolos só é possível dentro da cultura em que estes se inscrevem, não obstante a multiplicidade de significados que aqueles podem transmitir, derivada da versatilidade que lhes é inerente. Mas, porque os símbolos se reificam na comunicação e na interacção, o nosso objectivo enquanto investigadores foi desvendar os espaços de identidade que estavam marcados nos textos das crianças, não olvidando os limites da validade do conhecimento pelo confronto empírico.

Bibliografia

- Ariès, P. (1973). *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, Paris: Seuil.
- Bourdieu, P. (1972). *Esquisse d'une théorie de la pratique*, Paris: Librairie Droz.
- Corsaro, W. (1997). *The sociology of childhood*, Thousand Oaks: Pine Forge Press.

- Elias, N. (1980). *Introdução à sociologia*, Lisboa: Edições 70.
- Giddens, A. (1984). *The Constitution of Society. Outline of the theory of Structuration*, Cambridge: Polity Press.
- James, A. & Prout, A. (1990). *Constructing and reconstructing childhood: contemporary issues in the sociological study of childhood*, London: The Falmer Press.
- O’Kane, C. (2005). “O Desenvolvimento de Técnicas Participativas. Facilitando os Pontos de Vista das Crianças acerca de Decisões que as Afectam”, in Christensen P. & James, A., *Investigação com crianças. Perspectivas e práticas*, Porto: Edições Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, pp, 143-170.
- Prout, A. (2005). “Prefácio”, in Christensen, P. & James. A., *Investigação com crianças. Perspectivas e práticas*, Porto: Edições Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Roberts, H. (2005). “Ouvindo as Crianças e Escutando-as”, in Christensen, P. & James, A., *Investigação com crianças. Perspectivas e práticas*, Porto: Edições Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, pp, 243-260.
- Saramago, S. (2001). “Metodologias de Pesquisa Empírica com crianças”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 35: 9-29.
- Sarmento, M. (s/d). “Sociologia da Infância: Correntes e Confluências”, s.l.: s.e.
- Silva, R. (2006), “Quando eu for grande quero ser... O trabalho para as crianças de meio rural: com as mãos na terra e os olhos no futuro”, Dissertação de Mestrado em Sociologia – Área da Sociologia da Infância, Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Sirota, R. (2001). “Emergência de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar”, *Cadernos de Pesquisa*, 112: 7-31. Pesquisado em 10 de Julho de 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/>.